

dezoito anos acabara sendo um bom lugar para enterrar todos os problemas que de vez em quando aparecem entre irmãos, todas aquelas pequenas irritações que fazem o irmão mais velho bater sem querer a cabeça do irmão mais novo numa parede de pedra ou colocar por engano um travesseiro em cima do rosto dele dormindo; ou convencê-lo de que é uma boa ideia encher os sapatos do cara grandão com conserva de manga doce e pegajosa, ou chamar a nova namorada do grandão pelo nome de outra namorada e fingir que foi na verdade só um engano infeliz. De forma que nada disso aconteceu. Em vez disso, Haroun ensinou muitas coisas úteis a seu irmão mais novo, *kickboxing*, por exemplo, e as regras do críquete, e qual música era legal e qual não era; e Luka adorava o irmão mais velho sem nenhum problema e achava que ele parecia um urso grande — um pouco como Cão, o urso, na verdade — ou talvez uma confortável montanha com a barba por fazer e um largo sorriso no alto.

Luka assombrou as pessoas pela primeira vez ao nascer, porque seu irmão, Haroun, já estava com dezoito anos quando sua mãe, Soraya, aos quarenta e um anos de idade, deu à luz um segundo belo menino. Seu marido, Rashid, ficou até sem fala, e assim, como sempre, encontrou palavras demais. Na ala do hospital em que estava Soraya, ele carregou o filho recém-nascido, aninhou-o delicadamente nos braços e o bombardeou com perguntas sem sentido. “Quem diria, hein? De onde você veio, malandro? Como chegou aqui? O que tem a dizer? Qual é o seu nome? O que vai ser quando crescer? O que você quer?” Tinha uma pergunta para Soraya também. “Na sua idade”, ele se deslumbrou, sacudindo a cabeça, que estava ficando careca. “O que significa uma maravilha destas?” Rashid tinha cinquenta anos quando Luka apareceu, mas naquele momento falava como qual-

quer pai jovem, inexperiente, perplexo com a chegada da responsabilidade e até um pouco assustado.

Soraya pegou o bebê de volta e acalmou o pai. “O nome dele é Luka”, ela disse, “e esta maravilha significa que parece que nós trouxemos ao mundo um sujeito capaz de fazer o próprio Tempo voltar atrás, de fazer o Tempo correr para o lado errado e nos deixar moços de novo.”

Soraya sabia do que estava falando. À medida que Luka crescia, seus pais pareciam ficar mais moços. Quando o bebê Luka sentou sozinho pela primeira vez, por exemplo, seus pais não conseguiam ficar sentados quietos. Quando ele começou a engatinhar, eles saltavam para cima e para baixo como coelhos assanhados. Quando ele andou, os dois deram pulos de alegria. E quando falou pela primeira vez, bom, a impressão que se tinha era de que toda a legendária Torrente de Palavras tinha começado a jorrar da boca de Rashid e que ele não ia parar nunca mais de elogiar o grande feito do filho.

A Torrente de Palavras, por sinal, jorra do Mar de Histórias para o Lago da Sabedoria, cujas águas são iluminadas pela Aurora dos Dias, e do qual flui o Rio do Tempo. O Lago da Sabedoria, como é bem sabido, fica à sombra da Montanha do Conhecimento, em cujo pico brilha o Fogo da Vida. Essa importante informação relativa ao mapa — e, de fato, à própria existência do Mundo Mágico — foi mantida em segredo por milhares de anos, guardada por misteriosos desmancha-prazeres de capa que se chamavam de Aalim, ou Eruditos. Porém, o segredo agora é conhecido. Foi posto à disposição do público em geral por Rashid Khalifa em muitas histórias famosas. De forma que todo mundo em Kahani está plenamente consciente de que existe um Mundo de Magia paralelo ao nosso próprio mundo não mágico, e dessa Realidade vêm a magia branca, a magia negra, os sonhos, os pesadelos, as histórias, as mentiras, os dragões, as fadas, os gênios

de barba azul, os pássaros mecânicos que leem pensamentos, os tesouros enterrados, a música, a ficção, a esperança, o medo, o dom da vida eterna, o anjo da morte, o anjo do amor, as interrupções, as piadas, as boas ideias, as péssimas ideias, os finais felizes, na verdade quase tudo que tem algum interesse. Os Aalim, que achavam que o Conhecimento pertencia a eles e era precioso demais para ser repartido com os outros, provavelmente odiaram Rashid Khalifa por ter deixado o “gato” escapar do saco.

Mas ainda não é hora de falar — como acabaremos tendo de falar — de Gatos. É preciso, em primeiro lugar, falar da coisa incrível que aconteceu na linda noite estrelada.

Luka era canhoto e sempre lhe pareceu que o resto do mundo é que funcionava do lado errado, não ele. Maçanetas de porta giravam do lado errado, parafusos insistiam em ser parafusados em sentido horário, violões soavam de cima para baixo, e as letras em que a maioria das línguas era escrita corriam estranhamente da esquerda para a direita, a não ser uma, que ele bizarramente não dominava. Os tornos dos oleiros giravam perversamente, dervixes rodariam melhor se rodassem para o lado oposto, e o mundo inteiro seria muito melhor e mais sensato, Luka pensava, se o sol nascesse no oeste e se pusesse no leste. Quando ele sonhava com a vida naquela Dimensão Anti-Horária, o alternativo e canhoto Planeta Ladoerrado no qual ele seria o normal em vez do excepcional, Luka às vezes ficava triste. Seu irmão, Haroun, era destro como todo mundo, e conseqüentemente tudo parecia mais fácil para ele, o que não era justo. Soraya dissera para Luka não ficar triste. “Você é uma criança de muitos dotes”, disse ela, “e talvez tenha razão em achar que o lado esquerdo é o lado direito, e que todos nós não fazemos nada direito, estamos sempre errados. Deixe suas mãos levarem você onde elas quiserem. Só

fique sempre com as mãos ocupadas, só isso. Vá para a esquerda, claro, só não fique sem fazer nada; não seja passado para trás.”

Depois que a maldição de Luka contra os Grandes Ringues de Fogo funcionou tão espetacularmente, Haroun sempre o alertava com uma voz apavorada que canhotismo podia ser sinal de poderes da sombra borbulhando dentro dele. “Tome cuidado”, dissera Haroun, “para não pegar a Senda da Mão Esquerda.” A Senda da Mão Esquerda parecia ser o caminho da “Magia Negra”, mas, como Luka não tinha a menor ideia de como tomar essa senda, nem sabia se queria fazê-lo, não ligou para o alerta do irmão, achando que era o tipo de coisa que Haroun às vezes dizia para provocá-lo, sem entender que Luka não gostava de ser provocado.

Talvez por ter sonhado em emigrar para uma Dimensão Canhota, ou talvez porque seu pai fosse um contador de histórias profissional, ou talvez por causa da grande aventura de Haroun, seu irmão, ou talvez por razão nenhuma a não ser que esse era o seu jeito de ser, Luka cresceu com um forte interesse e aptidão para outras realidades. Na escola, ele se tornou um ator tão convincente que, quando representava um corcunda, um imperador, uma mulher ou um deus, todo mundo que assistia à sua performance saía convencido de que o rapaz tinha de alguma forma criado uma corcunda provisória, subido a um trono, mudado de sexo ou se tornado divino. E quando ele desenhava e pintava as histórias de seu pai sobre, por exemplo, as Aves da Memória com cabeça de elefante que se lembravam de absolutamente tudo o que tinha acontecido, ou o Peixenfermo que nadava no Rio do Tempo, ou a Terra da Infância Perdida, ou o Lugar Onde Ninguém Vivia, tudo isso ganhava uma maravilhosa, fantasmagórica vida, ricamente colorida. Em matemática e química, infelizmente, ele não era tão bom. Sua mãe ficava triste com isso porque, mesmo cantando como um anjo, ela sempre

fora do tipo prático, sensato; mas aquilo deliciava secretamente seu pai, porque a matemática para Rashid Khalifa era tão misteriosa como a matemática chinesa e duas vezes mais desinteressante; e, quando menino, Rashid tinha sido reprovado no exame de química porque derramara ácido sulfúrico concentrado em cima do papel da prova, que havia entregado cheio de furos.

Felizmente para Luka, ele vivia numa época em que uma variedade quase infinita de realidades paralelas começara a ser vendida sob a forma de brinquedos. Igual a todo mundo que ele conhecia, tinha crescido destruindo frotas de foguetes invasores, e trabalhando como um pequeno encanador numa jornada por muitos níveis palpitantes, ferventes, tortuosos, borbulhantes para salvar uma princesa inocente do castelo de um monstro, e se metamorfoseado em um porco-espinho veloz e num brigão de rua e num astro de rock, e resistido intrepidamente com seu manto de capuz enquanto uma figura demoníaca de chifres curtos e cara preta e vermelha saltava à sua volta brandindo um duplo sabre de luz sobre sua cabeça. Igual a todo mundo que ele conhecia, tinha se filiado a comunidades imaginárias no ciberespaço, a eletroclubes em que adotava a identidade de, por exemplo, um Pinguim Intergaláctico com o nome de um dos membros dos Beatles, ou, mais tarde, um ser voador inteiramente inventado, cuja estatura, cor de cabelo e mesmo sexo eram de livre escolha e ele podia alterar como quisesse. Igual a todo mundo que ele conhecia, Luka possuía um vasto sortimento de caixas de bolso de realidade alternativa e passava boa parte do seu tempo livre deixando seu próprio mundo para entrar nos ricos, coloridos, musicais e desafiadores universos que havia nessas caixas, universos em que a morte era temporária (até você cometer erros demais e aí ela ficava permanente) e uma vida era uma coisa que se podia ganhar, ou conquistar, ou apenas receber miraculosamente porque você de repente batera a cabeça no tijolo certo, ou comera o

cogumelo certo, ou passara pela cachoeira mágica certa, e podia armazenar tantas vidas quantas sua habilidade ou sorte permitissem. No quarto de Luka, perto de um aparelho de televisão pequeno, ficava seu objeto mais precioso, a caixa mais mágica de todas, a que oferecia as jornadas mais ricas e complexas a outro espaço e outro tempo, à zona de multivida e morte temporária: seu novo Muu. E assim como no playground da escola Luka havia se transformado no poderoso General Luka, vencedor do Exército da Alteza Imperial, comandante da temida FAL ou Força Aérea Luka de aviões de papel que lançavam bombas de coceira, assim também Luka, quando saía do mundo da matemática e da química para a Zona de Muu, sentia-se *em casa* de um jeito completamente diferente do jeito que se sentia *em casa* em sua casa, mas em casa mesmo assim; e se transformava, ao menos em sua cabeça, em Super Luka, Grão-Mestre dos Jogos.

Mais uma vez, foi seu pai, Rashid Khalifa, quem encorajou Luka e quem tentou, com cômica imperícia, juntar-se a ele em suas aventuras. Soraya fungou sem se impressionar e, sendo uma mulher de bom senso que desconfiava da tecnologia, preocupava-se com as várias caixas mágicas que emitiam raios e feixes de luz invisíveis que iam estragar a mente de seu filho amado. Rashid tirava o peso dessas preocupações, o que preocupava Soraya ainda mais. “Raios, nada! Feixes de luz, nada!”, Rashid exclamava. “Veja como ele está desenvolvendo bem a coordenação mão-olho, e resolvendo problemas também, decifrando charadas, superando obstáculos, escalando níveis de dificuldade para adquirir habilidades excepcionais.”

“São habilidades inúteis”, Soraya retrucou. “O mundo real não tem níveis, só dificuldades. Se ele cometer um erro por descuido no jogo, tem outra chance. Se cometer um erro por descuido numa prova de química, tem nota abaixo da média. A vida é mais dura que videogames. É isso que ele precisa aprender e, por sinal, você também.”

Rashid não cedeu. “Olhe como a mão dele mexe nos controles”, disse a ela. “Nesses mundos, ser canhoto não é impedimento para ele. Incrível como ele é quase ambidestro.” Soraya fungou, aborrecida. “Já viu a letra dele?”, perguntou ela. “Porco-espinho e encanador podem ajudar nisso? Será que esses *pisps* e *wees* vão ajudar na escola? Esses nomes! Parece som de quem vai ao banheiro, sei lá.” Rashid começou a sorrir, apaziguando. “O termo é *console*”, começou a dizer, mas Soraya virou-se e afastou-se, acenando com a mão acima da cabeça. “Não me fale dessas coisas”, ela disse por cima do ombro, com sua voz mais grandiosa. “Eu estou in-console-ável.”

Não é de surpreender que Rashid Khalifa fosse inábil no Muu. Durante quase toda a sua vida fora bem conhecido por sua língua fluente, mas suas mãos sempre haviam sido, para falar a verdade, deficientes. Eram desajeitadas, inábeis, as coisas escorregavam de seus dedos. Eram, diziam as pessoas, só polegares. Ao longo de seus sessenta e dois anos elas haviam derrubado inúmeras coisas, quebrado incontáveis coisas mais, se atrapalhado com todas as coisas que não conseguiam derrubar ou quebrar, e borrado tudo o que escreviam. No geral, faziam qualquer coisa, menos dar uma mão. Se Rashid tentava pregar um prego na parede, um dos seus dedos invariavelmente ficava na frente e ele sempre fora igual a um bebê para a dor. Então, sempre que Rashid se oferecia para dar uma mão a Soraya, ela pedia a ele — um tanto rudemente — que não metesse a mão.

Mas — na contramão disso tudo — Luka conseguia lembrar de um momento em que as mãos de seu pai realmente haviam ganhado vida.

Era verdade. Quando Luka tinha apenas poucos anos de vida, as mãos de seu pai adquiriram vida e até mentalidade próprias. Tinham nomes também: havia Ninguém (a mão direita) e Nada (a esquerda), e eram muito obedientes, faziam tudo o que

Rashid queria que fizessem, como gesticular no ar quando ele queria reforçar uma coisa (porque ele gostava de falar muito), ou pôr comida em sua boca a intervalos regulares (porque ele gostava de comer muito). Estavam dispostas até a lavar a parte de Rashid que ele chamava de *bê ene dê*, o que era na verdade extremamente gentil da parte delas. Mas, como Luka depressa descobriu, elas também tinham uma vontade toda própria de fazer cócegas, principalmente quando ele estava ao alcance. Às vezes, quando a mão direita começava a fazer cócegas em Luka e ele implorava “pare, por favor”, o pai respondia: “Não sou eu. Na verdade, Ninguém está fazendo cócegas em você”, e quando a mão esquerda começava também e Luka, chorando de rir, protestava: “Você, você está fazendo cócegas em mim”, o pai respondia: “É Nada. Você sabe muito bem”.

Depois, porém, as mãos de Rashid sossegaram e pareciam ter voltado a ser apenas mãos. Na verdade, o resto de Rashid também sossegou. Ele andava mais devagar que antes (embora nunca tivesse andado depressa), comia mais devagar (embora não muito mais) e, o mais preocupante, falava mais devagar (e ele sempre falara muito, muito depressa). Ele era mais lento para sorrir do que tinha sido antes, e, às vezes, Luka imaginava, parecia que os próprios pensamentos estavam mais lentos na cabeça de seu pai. Até as histórias que ele contava pareciam avançar mais devagar do que antes, e isso era ruim para os negócios. “Se ele continuar diminuindo o ritmo”, Luka disse a si mesmo, alarmado, “muito em breve vai parar de uma vez.” A imagem de um pai completamente parado, empacado no meio de uma frase, no meio de um gesto, no meio de um passo, simplesmente congelado no lugar para sempre, era muito assustadora; mas esse, ao que parecia, era o rumo que as coisas estavam tomando, a menos que algo pudesse ser feito para Rashid Khalifa voltar a ser rápido. Então Luka começou a pensar num jeito de fazer o pai acelerar; onde estava

o pedal a pisar para restaurar a velocidade que se apagava? Mas antes que ele conseguisse resolver o problema, uma coisa incrível aconteceu na linda noite estrelada.

Um mês e um dia depois da chegada de Cão, o urso, e Urso, o cão, à casa dos Khalifa, o arco do céu sobre a cidade de Kahani, sobre o rio Silsila e sobre o mar além, ficou miraculosamente cheio de estrelas, tão brilhante de estrelas, na verdade, que até mesmo o tristonho peixoso das profundezas subiu com um ar surpreso e começou, contra sua vontade, a sorrir (e se você algum dia já viu um peixoso sorrindo e parecendo surpreso, você há de saber que não é nada bonito). Como por mágica a larga faixa da galáxia em si brilhava num claro céu noturno, lembrando a todos como as coisas tinham sido antes de os seres humanos sujarem o ar e esconderem a visão do céu. Por causa do smog, havia ficado tão raro ver a Via Láctea na cidade que as pessoas foram de casa em casa dizendo aos vizinhos para saírem à rua e olhar. Todo mundo saiu de suas casas e parou com o queixo no ar, como se todo o bairro estivesse pedindo cócegas, e por um instante Luka chegou a considerar ser o cocegueiro-mor, mas achou melhor mudar de ideia.

As estrelas pareciam estar dançando lá em cima, pareciam girar num grandioso e complicado desenho, como mulheres num casamento, enfeitadas com belas roupas, mulheres brilhando brancas, verdes, vermelhas, com diamantes, esmeraldas e rubis, mulheres brilhantes dançando no céu, gotejantes de joias incendiadas. E a dança das estrelas se espelhava nas ruas da cidade; as pessoas saíram com tamborins e tambores e festejaram como se fosse o aniversário de alguém. Urso e Cão festejaram também, uivando e dançando, e Haroun, Luka, Soraya e sua vizinha, a srta. Onita, todos dançaram também. Só Rashid não se juntou à festa. Ficou sentado na varanda assistindo, e ninguém, nem mesmo Luka, conseguiu fazer com que se levantasse. “Estou me